

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Naiara Augusta Silva do Nascimento

**A MULHER QUE HABITA A MÃE:
MATERNAGEM, ESCRIVIVÊNCIA
E AÇÕES PERFORMATIVAS NO TEATRO**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de artigo
apresentado ao Curso de Graduação em Teatro –
Licenciatura – Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais, para
obtenção de título de Licenciada em Teatro.

Prof. Ricardo Carvalho de Figueiredo

Belo Horizonte
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Naiara Augusta Silva do Nascimento

**A MULHER QUE HABITA A MÃE:
MATERNAGEM, ESCRIVIVÊNCIA
E AÇÕES PERFORMATIVAS NO TEATRO**

Aprovada em _05_/_12_/2023

Autorizo a publicação deste trabalho em meios eletrônicos, incluindo a biblioteca da
Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha ancestralidade, aos meus guias, minha mãe Iansã e meu pai Xangô que nunca soltaram minha mão durante as jornadas. Agradeço as orações de minha mãe, mulher de fé, à minha filha Cecília Augusta, sem a presença dela na minha vida esse trabalho não existiria, à minha avó Dona Augustinha por abrir caminhos, ensinamentos e escuta atenta, ao meu pai, à minha irmã que desde o primeiro momento da descoberta da minha gestação esteve comigo para tudo e por tudo, agradeço às minhas tias maternas e paternas, à minha comadre Júlia Jota que foi meu primeiro apoio na caminhada gestacional, agradeço aos meus amigos e amigas pelas palavras de incentivo (os de verdade sabem quem são!) Agradeço também ao corpo docente do Curso de Licenciatura em Teatro (UFMG), à equipe do Restaurante Setorial I, que acolheram e acolhem com carinho a presença da minha filha. Ao meu professor e orientador Ricardo Carvalho de Figueiredo, que aceitou embarcar nesse processo comigo e não soltou a minha mão, mesmo quando eu imaginei que talvez não seria possível continuar com a escrita pelos desafios diários, obrigada por tudo. Agradeço imensamente às professoras Marilene Aparecida e Gisele Camilo, pelo acolhimento e por aceitarem ser parceiras neste momento tão grandioso e significativo na minha vivência. Com muito carinho agradeço também, à Eunice e a Maria pelo carinho e acolhida durante minhas angústias nos corredores do Teatro, agradeço à Mariana Azevedo, pela partilha das angústias maternas e por me impulsionar a seguir com o ato revolucionário. E por fim, realizo um autoagradecimento, por eu acreditar no meu caminho, por mais árduo que seja, por confiar diante de tantas inseguranças, por eu não ter desistido do meu sonho.

VOZES-MULHERES

A voz da minha bisavó ecoou criança
nos porões do navio
ecoou lamentos de uma infância perdida.

A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos- donos de tudo.

A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas, roupas sujas dos brancos pelo caminho
empoeirado à favela

A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes, recolhe em si
as vozes mudas, caladas, engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem- o hoje- o agora.

Na voz de minha filha se fará ouvir a minha ressonância
o eco da vida- liberdade

(poemas da recordação e outros movimentos)

Conceição Evaristo

A Mulher que habita a mãe: maternagem, escrevivências e ações performativas no teatro

Naiara Augusta Silva do Nascimento¹

Prof. Orientador: Ricardo Carvalho de Figueiredo²

Resumo: O presente artigo relata a experiência da estudante, enquanto mulher preta, mãe e universitária, durante o seu processo na maternagem estando enquanto estudante universitária. O trabalho se materializa por intermédio da escrevivência e dos processos performativos da artista durante a graduação, e que fundamentam-se ao tema da Maternagem Negra.

Palavras-chave: Universidade. Maternagem. Escrevivências. Performance.

Abstract: This article reports the student's experience, as a black woman, mother and university student, the process between motherhood and the university. The work is materialized through the artist's writing and performative processes during graduation and which are based on the theme Black Motherhood.

Keywords: University. Mothering. Writings. Performance.

¹ Graduanda em licenciatura em Teatro pela Escola de Belas Artes da UFMG (Licenciatura 2023). Atriz, Ativista Materna

² Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais (curso de Graduação em Teatro e Pós-Graduação em Artes/UFMG).

SUMÁRIO

1. ANTES DE ME TORNAR MÃE: Memórias , trajetos e novas rotas	7
2. UM CORPO GRÁVIDO NAS AULAS DE TEATRO	9
2.1 Gestando na Universidade	10
2.2 Tem um bebê em sala de aula	11
3. Oxum a Deusa da Fertilidade : performance-reflexo	12
4. SOU MÃE- ARTISTA: Espetáculo “De onde nascem as margens?”	15
5. PERFORMANCE MATER(A)GEM	18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	21

1. ANTES DE ME TORNAR MÃE: Memórias , trajetos e novas rotas

E se eu não fosse mãe? Se eu não fosse mãe é evidente que não estaríamos tendo essa conversa, provavelmente agora a maior preocupação seria a entrega de um TCC, cujo o tema seria: “O Teatro Como Ritual de Cura.” A propósito, por onde andam minhas intuições da vontade do ser?

Se eu não fosse mãe ,estaria “ descansada” e não me curvaria diante de uma sobrecarga tão massiva. O caminho que eu piso visualmente traz aparência tão distantes... Percebo que não há distâncias para o que é infinitamente próximo. Saudade do banho demorado, do sono profundo, do sossego mentalizado, de pensar sem ter pressa, das conversas demoradas sem nenhuma interrupção, de adentrar livro afora e não ser percebida Se eu não fosse mãe ,não me acarretaria o pesadelo que se deriva na interrogação: onde me perdi? Diariamente dizem que eu não tenho cara de mãe, a sobrecarga aos seus olhos é invisível.

Como é a feição de uma mãe?

Quando era criança, sempre gostei de literatura, adentrar livro afora e me ver nos personagens. Minha trajetória escolar sempre foi marcada pelo teatro, embora às vezes, eu me questione se era exatamente teatro aquilo que eu me propunha a fazer. Sempre estudei em rede pública. No ensino médio o anseio pelas Artes Cênicas se intensificou, não almejava algo na televisão como grande parte dos jovens que adentram as artes cênicas, mas o teatro em si como afeto próximo.

Me formei em 2010 e o sonho de ocupar a universidade era distante, na verdade, nunca me falaram que era possível. Nenhum(a) das(os) professoras(es) dialogava sobre as possibilidades de ingresso nas universidades, incluindo o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que nesse mesmo ano fiz e, muito ingênua, não verifiquei o resultado. Então, ao concluir o ensino médio, comecei a trabalhar formalmente em empresas privadas, permeando entre diversas funções, dentre as quais: operadora de telemarketing e vendedora. Entretanto, o desejo pelo teatro era evidente e pulsante.

Em 2014, ingressei no curso técnico de teatro pela PUC Minas e finalizei o curso em 2015. Estudei um ano para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e ingressei na

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no segundo semestre de 2017. Paralelo à universidade, fiz parte do projeto Escola Integrada³ em que eu mediava oficinas de teatro para crianças e adolescentes nas escolas municipais de Belo Horizonte (MG). Através das oficinas, do contato com a rede escolar e da partilha com os estudantes me despertou a vontade pelo ofício docente, presente na Licenciatura em Teatro.

Em novembro de 2017, deparo-me com o acidente de percurso, a descoberta da minha gestação indesejada. Utilizo o termo indesejado pois, considerando minhas condições financeiras e a estrutura religiosa em meu contexto familiar no momento, era impossível realizar uma interrupção gestacional segura. É importante ser relatado que, dentre as condições apresentadas acima, a escolha por continuar com a gestação foi totalmente imposta pelos fatores que implicam diretamente as vivências de mulheres negras: condições socioeconômicas desfavoráveis, falta de apoio do genitor e estrutura familiar. Questões que majoritariamente estão “implícitas”, no que se diz respeito ao corpo negro da mulher cisgênero.

O estudo de Goes reafirma o que vive na pele:

As barreiras geradas pelo racismo são determinantes para as mulheres negras, privando-as de condições dignas de vida e, em particular, de saúde, ao dificultar seu acesso pleno aos serviços de saúde e uma atenção integral voltada às suas necessidades. Ao agregarem-se a outros fatores de opressão, potencializam a situação de vulnerabilidades destas mulheres. (GOES, 2018, p.14)

O sentimento avassalador permeava junto com a sensação de “retrocesso”, olhar para o caminho percorrido e ter a sensação de retomar ao início, e que os desejos foram interrompidos e sem previsão de retomada. Sendo a primeira mulher-negra da minha família a ocupar o espaço acadêmico, estava eu ali, fazendo parte de mais uma das estatísticas: eu presenciei mulheres, majoritariamente negras e periféricas, que se tornaram mães,⁴ cursando

³ Escola Integrada é um modelo de ensino implantado pelo Ministério da Educação no Brasil para viabilizar a meta 06 do Plano Nacional da Educação, de oferecer em, no mínimo, 50% das escolas públicas jornadas diárias de sete horas ou mais até 2024. É considerado tempo integral a carga horária escolar igual ou superior a 7 horas diárias ou 35 horas semanais. O Programa Escola Integrada está presente nas escolas de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. O Programa amplia não só o tempo, mas também os espaços de aprendizagem. Disponível em: Escola Integrada | Prefeitura de Belo Horizonte (pbh.gov.br).

⁴ “Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevem a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade. O discurso das/os intelectuais negras/os surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico. Um discurso que é tão político quanto pessoal e poético, como os escritos de Frantz Fanon ou os de bell hooks. Essa deveria ser a preocupação primordial da

o ensino médio, eram minhas colegas de turma e todas elas foram excluídas do ambiente escolar, todas oprimidas pelos ditados sociais patriarcais: “quem pariu Mateus é quem balança”, “isso que dar não utilizar métodos contraceptivos”. Muitas dessas mulheres exercem a maternagem solo. A desigualdade de gênero, a falta de rede de apoio, e as questões socioeconômicas acarretam a invisibilidade materna nas instituições educacionais, tomando ações que não consideram a existência materna em seus espaços. Havia dois trajetos, porém uma única escolha: escolhi a rota mais longa, árdua, turbulenta e invisibilizada. A pesquisa de Santos de Paula traz o seguinte relato:

Com a ampliação de vagas e de acesso às universidades públicas ou privadas no país através de políticas educacionais nos últimos anos, muitas mulheres- mães de classes mais baixas acessaram estes espaços, assim como tantas outras acabaram se tornando mães no percurso da graduação ou pós graduação. Todavia, o ingresso não tem assegurado a permanência de mulheres que são mães no espaço acadêmico, sobretudo as que têm filhos/as pequenos/as sob suas responsabilidades. (SANTOS DE PAULA, 2023, p. 37)

2. UM CORPO GRÁVIDO NAS AULAS DE TEATRO

Existem caminhos que as escolhas especificamente são intermediadas pelo dualismo. Nesse sentido, atravessada pelos desafios da maternidade não planejada e por um espaço que não foi projetado para corpos negros e grávidos, desistir da graduação no momento poderia ser uma das opções mais complacentes. A desistência ou o trancamento da graduação seria um retrocesso por toda a história percorrida. Não só pela minha vivência, mas pelas mulheres da minha família que, infelizmente, não tiveram o mesmo acesso e oportunidade que eu. Ou seja, havia um desafio encarado por mim: aceitar a gravidez e não desistir da vida universitária, da profissionalização no ensino superior. Porém, como conciliar a gravidez e a vida universitária?

Durante o andamento do semestre, as implicações hormonais no meu corpo foram se intensificando, muita náusea, indisposição, sonolência, falta de atenção e o peso psicológico diante da gestação. Dentre tudo isso, no entanto, a materialização do sonho que se afastava era o mais latente. Parecia que estar lá não era mais o meu lugar. Mas isso não era explícito,

descolonização do conhecimento acadêmico, isto, é, lançar uma chance de produção de conhecimento emancipatório alternativo.” (KILOMBA, 2020,58-59.)

pelo contrário, coordenadoras/es muito solícitas/os e professoras/es compreensivas/os foram fatores muito importantes e positivos.

As aulas de teatro naquele contexto eram uma possível “fuga”, “escape” para que eu não embarcasse em um estado de deriva ou até mesmo em uma decadência psicológica que, porventura, pudesse provocar uma possível depressão enquanto gestante. Me movimente para traçar um percurso acadêmico com maior percentual de aulas práticas. Eu sentia a necessidade de movimentar o meu corpo, é como se o movimento intensificasse minha convicção de existência e pertencimento na academia. Era um ato político estar ali: mulher, preta, periférica e grávida.

Rememoro o afeto das/os minhas/meus/ amigas/os de turma que foram desde o início muito receptivas/os e acolhedoras/es. O corpo docente que se preocupava com minhas ações nas aulas práticas, o cuidado e o afeto que eu recebi durante o processo de gestação nas aulas foram primordiais para que eu conseguisse dar andamento no percurso.

2.1 Gestando na Universidade

Esta diáspora e a permanência só foram possíveis porque além da vaga na instituição, eu também consegui acessar políticas de assistência estudantil através de bolsas integrais, acesso à alimentação e auxílio creche, nos quais me possibilitaram a oportunidade de estudar sem ter que trabalhar no contraturno. Universidades brasileiras têm leis que amparam estudantes em sua permanência, visto que, o curso de Licenciatura em Teatro é diurno - o que me impedia de conseguir trabalhar e estudar. No momento também eu residia com meus pais em Santa Luzia/MG, região metropolitana de Belo Horizonte, onde fica o campus universitário da UFMG. Durante esse processo minha família foi minha rede de apoio.

Embora durante os 8 meses de gestação meu pai se ausentou do afeto paterno, para ele foi uma arrogância e desobediência eu ter engravidado aos 25 anos sem ter concretizado o matrimônio e, na concepção dele, ganhei o título social: “mãe solteira.” Todavia, impor estados civis a condição da maternidade é uma opressão machista, pois estado civil e maternidade se diferem: porque infelizmente é sabido as inúmeras mulheres que exercem a maternagem solo, mesmo estando com um vínculo afetivo matrimonial, ou seja, muito homem cishétero negligencia e se ausenta das responsabilidades paternas em uma sociedade machista e sexista. Gradvohl, Osis e Makuch (2014, p.58 *apud* Freitas, 2007) afirmam:

Com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho por volta de 1960, as demandas passaram a ser sobre a divisão das tarefas domésticas e da maternagem com os homens. Espera-se do homem não apenas o sustento financeiro, como na família patriarcal, mas uma paternidade que se expresse também nos cuidados educacionais e afetivos com os filhos.

No término da minha gestação realizei a solicitação de Regime Especial. O mesmo é uma substituição das aulas não frequentadas pelo/a estudante, que esteja temporariamente impossibilitado/a de comparecer à atividade acadêmica curricular do tipo disciplina, por tarefas realizadas fora do ambiente universitário, que sejam compatíveis com o seu estado de saúde e com as possibilidades operacionais e pedagógicas da Universidade, conforme previsto no parágrafo único do art. 16 da Resolução Complementar nº 01/2018 do CEPE.

Anterior a isso, reconhecendo minha vivência como mulher negra, periférica e gestante na universidade, senti a necessidade de relacionar minha vivência com o teatro, afinal: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. (Evaristo, 2007, p. 21).

Desse modo, comecei um processo dramatúrgico durante o período que eu estava gestando na universidade. Esse processo foi provocado e dirigido por Nayara Leite⁵, uma amiga da graduação, porém com o desgaste físico e emocional optei por não continuar com o processo criativo. Sim, a vida adulta é feita de escolhas. E, por mais que eu optei por ser gestante e estudante universitária ao mesmo tempo, precisei abrir mão de outras atividades.

Minha mente e meu corpo precisavam de descanso, e eu precisava me preparar psicologicamente e fisicamente para o procedimento do parto- o dar a luz. Foi nesse processo que solicitei o Regime Especial. O semestre letivo já se encaminhava para o fim.

2.2 Tem um bebê em sala de aula

No início do segundo semestre letivo de 2018, eu voltei para a universidade com a minha filha. Foi nesse processo que se evidenciou a falta de acessibilidade para mulheres-mães universitárias. A falta de fraldários, brinquedotecas e acessibilidade nos Restaurantes Universitários (RUs). Muitas foram as vezes que eu trocava a fralda da Cecília nos colchonetes no chão, após uma aula e outra ela dormia nesse mesmo colchonete, também

⁵ Nascida em Ribeirão das Neves (MG), Nayara Leite é atriz, dramaturga, arte-educadora e contadora de histórias. Em sua formação é técnica em Teatro pela escola Teatro Universitário (2022) e Licenciada em Teatro na UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais (2023).

ao chão.⁶ No campus universitário da Pampulha, a UFMG dispõe de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI Alaíde Lisboa). Porém, a concorrência das vagas é através de sorteios contendo pré-requisitos, contudo, minha condição universitária estava contemplada nos pré-requisitos para concorrer à vaga, todavia, a vaga na instituição de ensino só foi contemplada em 2021, durante a pandemia (COVID19).

3. Oxum a Deusa da Fertilidade⁷ : performance-reflexo

A performance surge através das minhas inquietações perante ao corpo-grávido. Este corpo que dialoga com a estrutura social machista, racista e sexista. A gravidez naquele momento me soava como algo impróprio, ligado à culpa e ao pecado. Eu sentia a culpa cristã, mesmo estando em uma sociedade que se diz moderna e um Estado laico. Ao decorrer do processo foram surgindo várias incógnitas, questionamentos que eu não saberia sequer verbalizá-los. As palavras questionáveis dançavam no embalo do ventre. A maior preocupação daquela mulher que ocupava o espaço estando grávida, não era sobre ter a criança, entretanto, sobre o que a sociedade iria falar? O que a vizinhança iria pensar? Ela ganhará o título de “Mãe Solteira”? E cada vez mais que eu me aprofundava na vivência, eu contestava sobre as imposições que me cercavam.

Em um dos exercícios propostos e conduzidos pela diretora Nayara leite, lembro-me da proposta: olhar fixamente para o espelho, observar, enxergar a mulher que ocupava o corpo. Eu enxerguei a metade de duas mulheres, uma que ainda existia e pulsava, e a outra que embalava um ser em seu ventre. Ao dar a luz, nasce também uma mãe, ou ela sempre existiu?⁸ O ato de maternar se fez presente em minha vida de uma forma compulsória, pois quando minha irmã nasceu, eu tinha 12 anos, e meus pais na época trabalhavam fora de casa, então aos 12 anos fui condicionada a maternar.

⁶ “Quando produzimos conhecimento, argumenta bell hooks, nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor- a dor da opressão. E ao ouvir nossos discursos, pode-se também ouvir a dor da emoção contidas em sua precariedade: a precariedade, ela argumenta, de ainda sermos excluídas/os de lugares aos quais acabamos de “chegar”, mais dificilmente podemos “ficar”. (KILOMBA,2020, p.59)

⁷ Oxum é um orixá de matriz africana. Preside o amor e a fertilidade, é dona do ouro e da vaidade e senhora das águas doces.

⁸ Não nasceu outra mulher ao dar a luz, ela-eu sempre estivemos aqui, Confesso que se eu não fosse mãe, não saberia viver pertinazmente na ‘má educação’ de ir contra todas as discriminações que me afetam.

Aqui se materializa o processo dramático que se iniciou durante a gestação. Essa performance foi apresentada dentro do projeto Ceníssimas⁹: “O que temos para o jantar?” (no espaço conhecido como o Piscinão da Belas). A performance é uma contação de história elaborada a partir da mitologia de Oxum, a deusa da fertilidade, em contrapartida faz uma analogia e uma crítica à maternidade solo e a vivência de mulheres negras e ganha influência no conceito da escrevivência de Conceição Evaristo.

Oxum faz as mulheres estéreis em represália aos homens

Logo que o mundo foi criado, todos os orixás vieram para a terra e começaram a tomar decisões e dividir encargos entre eles, em conciliábulo nos quais somente os homens podiam participar. Oxum não se conformava com essa situação. Ressentida pela exclusão, ela vingou-se dos orixás masculinos. Condenou todas as mulheres à esterilidade, de sorte que qualquer iniciativa masculina no sentido da fertilidade era fadada ao fracasso. Por isso, os homens foram consultar Olodumaré. Estavam muito alarmados e não sabiam o que fazer sem filhos para criar nem herdeiros para quem deixar suas posses, sem novos braços para criar novas riquezas e fazer guerras e sem descendentes para não deixar morrer suas memórias. Olodumaré soube, então, que Oxum fora excluída das reuniões. Ele aconselhou os orixás a convidá-la, e as outras mulheres, pois sem Oxum e seu poder sobre fecundidade não poderia ir adiante. Os orixás seguiram os sábios conselhos de Olodumaré e assim suas iniciativas voltaram a ter sucesso. As mulheres tornaram a gerar filhos e a vida na terra prosperou. (Mitologia dos Orixás, p. 345)

Cecília Augusta, minha filha, estava com exatamente três mês de nascimento, o processo de criação foi junto com ela, ensaiávamos duas vezes ao dia. Os objetos da criança bebê se transformaram nos personagens da mitologia. O mordedor era o Olodumaré, Oxum a toalhinha de limpar a boca, que por coincidência, era amarela, já que o traje de Oxum é amarelo. Nos ensaios, Cecília interagia com a história, ela gostava de ouvir. A história sofreu adaptação para a linguagem infantil.

Assim, eu a embalava aos meus braços guiada pela canção de Oxum:

⁹ CENÍSSIMAS: O FESTIVAL DE CENAS CURTÍSSIMAS é um programa de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais em parceria com o Cenex-EBA, protagonizado por estudantes do curso de Graduação em Teatro. A iniciativa visa promover os trabalhos artísticos cênicos da comunidade discente da Escola de Belas Artes, bem como levá-los para a comunidade interna e externa à UFMG. Entende-se como comunidade discente da Escola Belas Artes os estudantes das graduações que compõem a unidade e o Teatro Universitário.

Nhe-nhen-nhen Nhen-nhen-nhen-xo-rodô Nhe-nhen-nhen Nhen-nhen-nhen-xo-rodô
É o mar, é o mar Fé-fé xo-ro-dô!
Nhe-nhen-nhen Nhen-nhen-nhen-xo-rodô Nhe-nhen-nhen Nhen-nhen-nhen-xo-rodô



10

Fonte: Acervo pessoal

Nesta performance, apresento o ato de evidenciar a existência invisibilizada dentro da academia, questiono sobre a sociedade que goza todos os preconceitos em nossos corpos. bell hooks elucidada:

Para nós, a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem e, tal, representa uma ameaça. Para aqueles que exercem poder opressivo,

¹⁰ Foto tirada por uma aluna da graduação em teatro. Local conhecido como piscinão da Belas (Escola de Belas Artes UFMG).

aquilo que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado e silenciado.(HOOKS, 2019, p.36.)

4. SOU MÃE- ARTISTA: Espetáculo “De onde nascem as margens?”

“ A cadeira molda o homem pela bunda! Desde o banco escolar até a cátedra do magistério, a autoridade fala de cadeira. E você, não vai querer uma cadeira?”

(Espetáculo De Onde Nascem as Margens?)

Em 2019, me matriculei na disciplina: Práticas de Atuação Cênica A. Ao decorrer da disciplina é realizado o processo e andamento de montagem de um espetáculo. Mesmo não obtendo uma obrigatoriedade para cursar a disciplina, pois a mesma é um optativa da grade curricular ao título de Bacharelado eu a solicitei como optativa. Durante o processo de estudos e ensaios a Cecília acompanhava meio período do processo, na época, minha mãe a buscava na faculdade após seu expediente de trabalho, assim, eu estaria disponível para dar continuidade aos ensaios. O espetáculo foi dirigido pela profa Bya Braga, abordando uma temática geral sobre a educação brasileira com um viés político democrata. Por meio dos exercícios propostos pela diretora, surgiu a minha cena. Estávamos reunidos em grupo, dialogando sobre a educação sexual e para fomentar a discussão sobre o tema proposto, relatei um episódio real que me atravessou mediante o ato da amamentação: “ Eu estava dentro de uma igreja Católica com a Cecília e ela chorava querendo mamar, eu olhava para a imagem de Cristo na minha frente e não sabia se eu poderia amamentá-la dentro da igreja sem cobri-la com uma fralda. Uma amiga se posicionou e falou: “isso, fala isso em cena, traz esse relato para a construção de sua cena.” Para Santos: “No Teatro do Oprimido, o posicionamento político é fundamental , porque não é possível devolver sua práxis ignorando as circunstâncias objetivas que a cercam, influenciam e a conectam com a realidade objetiva” (SANTOS, 2016, p. 133)

No momento nós nos reunimos, e estávamos dialogando sobre a educação sexual. A cena se configurou:

“Eu estava na igreja com minha filha e ela quis mamar, o cristo ali de braços abertos e estendidos na minha frente: “Cristo, a amamentação na igreja é um ato pornográfico?”

Bárbara Santos, também elucida que: “Quando é o próprio espectador que entra em cena e realiza a ação que imagina, ele o fará de uma maneira pessoal e única e intransferível, como só ele poderá fazê-lo e nenhum artista em seu lugar. Em cena o ator é um intérprete que, ao traduzir, trai Impossível não fazê-lo.” (SANTOS, 2016, p.86, apud, BOAL, p22.)



11

Fonte: Acervo pessoal

O trabalho se fortaleceu e adquiriu visibilidade, além de nos apresentarmos na estrutura do prédio da Escola de Belas Artes, nós apresentamos também nos Circuitos Culturais da UFMG: BAIXO CENTRO EN (CENA) e AO CAIR DA TARDE. Nesse mesmo ano, 2019. O espetáculo foi selecionado para participar do festival: Cena Universitária de Brasília (CEU). Na minha concepção de mulher-mãe universitária, seria impossível eu me

¹¹ Foto tirada durante o ensaio do espetáculo “De Onde Nascem as Margens?”.

locomover para Brasília, mediante todas as implicações que relato neste trabalho. Em contrapartida, quando fui comunicar minha ausência no espetáculo, a diretora Bya Braga se movimentou e me impulsionou a pensar em alternativas nas quais eu poderia me movimentar para traçar um percurso de ida. Movimentei a rede de apoio que eu obtinha no momento, minha família. Cecília estava com 1 ano e 3 meses, na época eu não tinha conhecimento sobre a amamentação e o sobre o armazenamento do leite materno, então seguindo as orientações de minha mãe, decidi realizar o desmame de forma integral. O procedimento do desmame, mesmo obtendo um processo de diálogo saudável e acolhedor com Cecília, ainda sim, foi doloroso para mim - a ruptura de um vínculo materno durante 1 ano e 3 meses em livre demanda. Contudo, a viagem para Brasília me possibilitou enxergar a mulher que ainda existia e pulsava dentro. A Naiara que tinha sonhos e desejos. Durante os 4 dias que estive fora da maternidade física, me enxerguei com uma mulher mãe-artista. “O Teatro do Oprimido é um método estético - que a partir de produções artísticas e da promoção de diálogo social e através de ações, sociais - visa contribuir para a transformação de realidades injustas” (SANTOS, 2016, p. 52).

12



¹² Registro fotográfico do final do espetáculo “De Onde Nascem as Margens?” (Auditório- Escola de Belas Artes UFMG)

5. PERFORMANCE MATER(A)GEM

*Mãe, pega uma cápsula do tempo. O que é uma cápsula do tempo, mãe? Não sei, Cecília. Você foi quem disse... O que é uma cápsula do tempo, Cecília?
É o futuro, mãe!*

06/12/2022 (diário de Cecília)

Para finalizar esta pesquisa, apresento meu último trabalho que foi desenvolvido no segundo semestre de 2022. Com influência da dissertação de Gisele Camilo: “QUEM PODE SER MÃE: maternidade, produção do conhecimento, escolhas (im)possíveis e vivências de estudantes na UFMG”. Este trabalho foi provocado e dirigido por Nayara Leite. Apresentado na 6ª edição da Mostra de Cenas Curtas do Teatro Universitário UFMG (Mostra TU). A performance permeia a discussão sobre políticas públicas para mulheres mães-universitárias: A academia está preparada para receber uma criança? A academia está preparada para receber uma mãe? Vocês têm feito o trabalho de vocês? “Aprendi que, para ser ouvida, seria necessário falar mais alto e que essa voz poderia ser alcançada por meio dos estudos. Assim, resolvi incorporar à minha trajetória acadêmica as experiências que a maternidade me trouxera.” (MATA, 2022, p.23)

A construção da performance surgiu através de um diálogo com minha filha: “Se fôssemos apresentar algo teatral, qual a brincadeira que você queria apresentar?” Ela disse: “Esconde- esconde!” Assim, a performance artística Matern(a)gem, investiga o uso dos jogos tradicionais como metáfora para se discutir a invisibilização da maternagem negra. A proposta desenvolve uma rodada do jogo esconde-esconde com o público, que se esconde, assim como a sociedade se esconde diante dos desafios da maternagem, enquanto as performers que se tornam o pega da brincadeira encontram as pessoas na busca pela visibilidade. A proposta surge a partir do que vivo na pele como a artista, mulher, preta, mãe solo e universitária. O trabalho traz também como referência o provérbio africano: “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”, assim como também é preciso desta mesma aldeia para apoiar uma mãe. A performance teve a duração de 20 min. E se desenvolveu nas imediações do prédio do teatro (anexo teatro). As performers se cobrem artisticamente com uma capa que se materializa como, a capa da invisibilidade contendo várias frases que

tornam-se a trajetória de mulheres- mães invisíveis perante o meio acadêmico. A quais corpos é dado o direito de maternar?¹³



14

Fonte: Acervo pessoal

¹³ Trabalho disponível em: [Mater\(a\)gem - YouTube](#)

¹⁴ Foto tirada por uma aluna da graduação em teatro (anexo teatro).



15

Fonte: Acervo pessoal

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na dissertação de Marilene Batista (2020), elucida-se que essa pesquisa é uma pesquisa-ação: “Como pesquisadora, me implico na pesquisa, ou seja, me envolvo e assumo uma postura que em muito se aproxima da militância, além de me perceber

¹⁵ Foto tirada por uma aluna da graduação em teatro (anexo teatro).

implicada pela estrutura social na qual estou inserida, devido às minhas experiências como mulher e pelo jogo de desejos e interesses.” (BATISTA, 2020, p.17)

Finalizo o trabalho enfatizando que, partindo da perspectiva do lugar de onde venho escrever é retomar a vida e a poesia da mesma, afinal, a quais corpos é dado o direito de poetizar em uma sociedade colonial, machista e racista? Ocupamos um lugar de resistência na universidade, entretanto nossa maior vontade é existir sem precisar nos ferir. Almejo e desejo formas de não entrarmos apenas pelas brechas, mas pela porta da frente. Antes de sermos mães, somos mulheres com sonhos pulsantes. Acredito que a arte é um mecanismo que fortalece o pensamento crítico e emancipatório dos indivíduos que a produzem. Neste sentido, acredito na potência desse trabalho que provoca mudanças pessoais, sociais e estéticas e que surge para inspirar outras mulheres-pretas-mães-solo a estarem na universidade não apenas para concretizar sonhos, mas porque nossos corpos são políticos e precisam, também, ocupar esses lugares. Nossa presença não é só um ato político, pois também é educativo aos demais sujeitos, já que precisarão perceber que, ocupando um lugar de direito, nós não estamos sozinhas na luta e reconhecimento por espaços mais democráticos e acessíveis a todos os corpos.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Marilene. **mulheres no espelho**: imagens da memória no Teatro das Oprimidas da Casa Sr. Tito. 2020. 147f. Dissertação (mestrado), Programa de Pós Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

GRADVOHL, Obana, Mayumi, Silvia ; OSIS, Duarte, José Maria ; MAKUCH, Yolanda, Maria. **Maternidade e Formas de Maternagem desde a Idade Média à Atualidade**. Pensando Famílias, 18(1), jun. 2014, (55-62), São Paulo, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

GOES, Freitas, Emanuelle. **Racismo, aborto e atenção á saúde**: Uma perspectiva interseccional. 2018. 163f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: Pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. 2º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MATA, Gisele Camilo da. **Quem pode ser mãe**: : maternidade, produção do conhecimento, escolhas (im)possíveis e vivências de estudantes na UFMG. 2022.169f . Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do Mestrado Profissional em Educação e Docência/PROMESTRE da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

PRANDI ,Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SANTOS, Barbara. **Teatro do Oprimido, Raízes e Asas**: Uma Teoria da Práxis. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.

SANTOS DE PAULA, Luana. Entre os textos, as fraldas e os contextos: o (não) lugar da maternidade no contexto universitário. **Mães Cientistas relatos de experiências e reflexões teórico-metodológicas**, São Paulo, fflch/usp prolam/usp, N 37, 2023.